

## ANÁLISE DIALÓGICA DA AUTORIA EM ENUNCIADOS DA PRAÇA DA ALEGRIA

Joserlândio da Costa SILVA<sup>2</sup>

Pedro Farias FRANCELINO<sup>3</sup>

**Resumo:** Fundamentados nas discussões do chamado Círculo de Bakhtin, propomo-nos a analisar a constituição do sujeito autor em enunciados inscritos na praça do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, mais conhecida como *Praça da Alegria*. A partir de uma pesquisa bibliográfica e documental, de natureza qualitativo-interpretativista, observamos como os sujeitos inscreveram-se naquele espaço e quais estratégias enunciativo-discursivas utilizaram para a defesa de seus pontos de vista.

**Palavras-chave:** Dialogismo. Autoria. Praça da Alegria

**Abstract:** *Based on the discussions of the Bakhtin's Circle, we proposed, in this work, to analyze the author subject construction in written utterances of Praça da Alegria (a place located in the Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes in the Universidade Federal da Paraíba). For this reason, we chose the documental and bibliographical researches in addition to the qualitative and interpretative nature. Thus, we observed how the subjects inscribed themselves in that space and which discursive and enunciative strategies they used to defend their points of view.*

**Keywords:** *Dialogism. Authorship. Praça da Alegria.*

---

<sup>2</sup> Mestrando em Linguística pelo Programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, UFPB, *campus* I, João Pessoa-PB, Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Endereço eletrônico: jcsletras@hotmail.com.

<sup>3</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba, UFPB, *campus* I, João Pessoa-PB, Brasil. Endereço eletrônico: pedrofrancelino@yahoo.com.br

## Introdução

A interação entre os indivíduos envolve o diálogo, a partir do qual eles vão se construindo como sujeitos ativos no mundo. Dessa forma, para cada ato praticado, surgirão outros atos-respostas, dados a partir de pontos de vista diversos, já que, conforme afirma Bakhtin, “não existe ‘o homem-em-geral; *eu* existo, e um *outro* particular concreto existe” (BAKHTIN, 1993, p. 65, grifos do autor)<sup>4</sup>. Cada ato-resposta veicula pontos de vista diferentes marcados pelas singularidades dos contextos nos quais os sujeitos estão situados.

Neste trabalho, propomo-nos a analisar como o princípio da responsividade operou na construção de enunciados inscritos nas paredes de um ambiente acadêmico. Especificamente, adotamos como *corpus* para a análise inscrições circulantes na praça do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba (CCHLA-UFPB), mais conhecida como *Praça da Alegria*. Pretendemos observar, a partir da teoria dialógica da linguagem desenvolvida por Bakhtin e o Círculo, como os sujeitos se inscreveram naquele espaço e quais estratégias enunciativo-discursivas utilizaram para a defesa de seus pontos de vista.

Com esses objetivos, intentamos responder às seguintes questões: Qual o centro de valores a partir do qual os enunciados analisados surgiram? A quem se direcionam?

Temos diante de nós duas dificuldades. A primeira é que, embora sendo estudiosos dos discursos, não nos tornamos sujeitos neutros em face deles. Até mesmo para mantermos fidelidade à teoria dialógica adotada por nós, esse trabalho não deixa de ser, em maior ou menor grau, uma resposta ao que ora analisamos. O simples fato de que eu comecei a falar de um objeto já significa que eu assumi certa atitude sobre ele (BAKHTIN, 1993). Conscientes disso, teremos o cuidado de minimizar nossos posicionamentos valorativos.

A segunda dificuldade se impõe pela ausência de conceituações acabadas para quem decide escrever levando em consideração as noções de autoria e de enunciado, a partir dos postulados de Bakhtin e o Círculo. Assim, dividimos o artigo em duas partes. Na primeira, apresentamos um recorte teórico de algumas noções mobilizadas pelo Círculo que serão usadas neste trabalho. Na segunda, assumimos essas noções como base para a análise dos enunciados que formam o *corpus* deste artigo.

---

<sup>4</sup> Estamos usando a tradução de *Para uma filosofia do ato* feita por Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, para uso didático e acadêmico. Como essa tradução não está datada e remete à edição em Inglês, de 1993, a obra será referida por esta data. Para esse procedimento com as datas, baseamo-nos em Geraldí (2010), cuja referência completa consta da lista de referências deste trabalho.

## A noção de autoria nos escritos de Bakhtin e o Círculo

Ao discorrermos sobre a noção teórica de autoria em Bakhtin, pontuamos que outra questão surge imediatamente relacionada a esta: a do sujeito. Devemos observar, entretanto, que não somos os primeiros a abordá-la. Pesquisadores como Sobral (2009) e Geraldi (2010), com os quais dialogamos, já o fizeram com maestria. Entretanto, o já-dito, retomado em outro “aqui” e “agora”, torna possível um enunciado novo.

Já no manuscrito *Para uma filosofia do ato* (1993), Bakhtin postula a existência de três momentos básicos na realização de uma ação: trata-se do “eu-para-mim”, “outro-para-mim” e “eu-para-o-outro”. Ele afirma que “todos os valores espaço-temporais e todos os valores de conteúdo são atraídos para e concentrados em torno desses momentos centrais emocionais-volitivos: eu, o outro, e eu para o outro” (1993, p. 72). Estamos, portanto, na base do pensamento dialógico de Bakhtin e o Círculo, para os quais o dialogismo constitui não apenas a relação entre enunciações/enunciados, mas é o próprio fundamento das relações humanas. O sujeito, portanto, se constitui nas relações de alteridade. Ainda no manuscrito citado, Bakhtin afirma que

A vida conhece dois centros de valor que são fundamental e essencialmente diferentes, embora correlacionados um com o outro: eu e o outro; e é em torno desses centros que todos os momentos concretos do Ser se distribuem e se arranjam. Um e o mesmo objeto (idêntico em seu conteúdo) é um momento do Ser que se apresenta diferentemente do ponto de vista valorativo quando correlacionado comigo e quando correlacionado com o outro. (BAKHTIN, 1993, p. 91)

Em *Para uma filosofia do ato* (1993), “ser” pode remeter tanto ao processo histórico, inacabado, em que os indivíduos estão concretamente situados no mundo, que Bakhtin chama de “mundo da vida”, quanto a uma parte objetivada desse processo, que Bakhtin situa no “mundo da cultura”. Um é o mundo diretamente experimentado pela ação. Outro é o mundo teorizado pelos discursos. Vejamos como Bakhtin fala da relação entre esses dois mundos. Antes, porém, já que falamos em sujeitos concretamente situados no mundo da vida, destacamos um trecho do livro *Estética da criação verbal* (2011) em que Bakhtin trata da relação estabelecida entre esses sujeitos. Diz ele que

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar

em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver. [...]

Esse *excedente* da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – *excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo. (BAKHTIN, 2011, p. 21, grifos do autor)

De acordo com o Círculo, portanto, o que fundamenta as ações responsáveis de um sujeito é a tomada de consciência de sua participação singular na vida. O ponto de origem de todas as suas ações é o reconhecimento de que, nela, ele participa efetiva e singularmente. Trata-se do reconhecimento de que eu, um real participante da vida, não possuo um *álibi* nela, logo, no local em que eu estou nesse momento, ninguém mais poderia estar. “Aquilo que pode ser feito por mim não pode nunca ser feito por ninguém mais” (BAKHTIN, 1993, p.58). O que faz de mim um sujeito responsável é o reconhecimento de que “em relação a qualquer coisa, seja o que for e em que circunstâncias seja dado a mim, eu devo agir do meu próprio lugar único, mesmo que eu faça isso apenas interiormente” (BAKHTIN, 1993, p. 59).

Feitas essas considerações, tratemos mais da relação entre o mundo da vida e o mundo da cultura. Ao afirmar que tanto o pensamento teórico discursivo, quanto a descrição-exposição histórica e a intuição estética estabelecem uma divisão entre o conteúdo de um ato e a sua realidade histórica, Bakhtin diz que

Como resultado, dois mundos se confrontam, dois mundos que não têm absolutamente comunicação um com o outro e que são mutuamente impenetráveis: o mundo da cultura e o mundo da vida, o único mundo no qual nos criamos, conhecemos, contemplamos, vivemos nossas vidas e morremos ou – o mundo no qual os atos da nossa atividade são objetivados e o mundo do qual esses atos realmente provêm e são realmente realizados uma e única vez. (BAKHTIN, 1993, p. 20)

Permaneceriam esses mundos cindidos? Conforme prosseguimos na leitura de *Para uma filosofia do ato* (lembramos que esse é um dos textos mais antigos de Bakhtin, datado de 1919-1921), vemos que o mundo da cultura não é separado do mundo da vida. Aquele é devolvido a este como um momento de seu realizar-se ininterrupto. E como isso acontece? Mediante a ação dos sujeitos historicamente situados que devolvem ao mundo da vida, ou mundo das ações, fenômenos objetivados no mundo da cultura.

Falar sobre sujeitos historicamente situados, portanto, implica dizer que o “eu” não lança seu olhar sobre o “outro” de forma neutra. Ele é preenchido por uma carga de valores de uma época específica em determinada esfera de atuação humana a partir da qual enforma todos os que são outros para ele.

Assim, sujeitos socialmente organizados lançam, por meio da linguagem, seus olhares valorativos sobre outros sujeitos, também socialmente organizados, ainda que em tempo e espaços diversos. É pela linguagem que nos relacionamos. Orientamos nossas palavras em função de nossos interlocutores e, conforme Bakhtin/Volochínov,

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2012, p. 117, grifos dos autores)

Dessa forma, oriundos de sujeitos dialógicos, os enunciados, mediante os quais esses sujeitos expressam seus pontos de vista, são também dialógicos. Eles são elaborados a fim de dialogarem com outros enunciados de outros sujeitos, quer pertençam ao mesmo campo de atividade humana, quer pertençam a um campo diferente.

Vejamos, então, como o mecanismo de orientação dos sujeitos em relação a outros sujeitos com posicionamentos valorativos diversos está presente nos enunciados que nos propusemos a analisar. É importante precisarmos que esses sujeitos não assinam nenhum de seus enunciados. Ou seja, não conheceremos a pessoa que marcou semioticamente as paredes da praça. Entretanto, não é isso que nos interessa. O que queremos pontuar é a relação do sujeito com a linguagem através de mecanismos linguísticos, discursivos e enunciativos, o que nos permite falar de autoria, ainda que não conheçamos a pessoa física, o autor-pessoa.

Neste ponto, também estamos fundamentados em parte da discussão de Francelino (2007). Da noção de sujeito desenvolvida pelo Círculo, ele formula dois princípios por meio dos quais o sujeito configura-se como autor no processo enunciativo-discursivo. O primeiro é que “*o autor é uma instância individual que se constitui na alteridade*” (FRANCELINO, 2007, p.103, grifos do autor). Partindo desse princípio, o autor, para instaurar os seus enunciados, reclama um espaço já habitado por outros enunciados, com os quais dialoga. Em meio a esses enunciados dos outros, o sujeito marca o seu próprio enunciado e demarca sua singularidade.

O segundo princípio é que o “*autor instaura um leitor/interlocutor no processo enunciativo*” (idem, p.104, grifos do autor). Segundo Bakhtin (2011), uma característica principal do enunciado é que ele se dirige a alguém e está voltado para esse destinatário. Nesse

sentido, a inevitável instauração de um interlocutor, feita pelo autor e para o qual se orienta o seu enunciado, aponta para a sua consciência autoral.

Vejamos, então, como esses mecanismos estão presentes nos enunciados da *Praça da alegria*.

### **Analisando o corpus**

Os enunciados que passaremos a analisar estão inscritos nas paredes e nas colunas da Praça do CCHLA da UFPB. Ao CCHLA estão vinculados os departamentos e coordenações dos cursos de Ciências Sociais, Filosofia, História, Letras, Mídias Digitais, Psicologia e Serviço Social, além de outros espaços como laboratórios de informática, de línguas, ambientes de professores e auditórios. Assim, boa parte dos sujeitos que circulam na praça são os discentes que, em sua maioria, compartilham de pontos de vista comuns acerca de determinadas questões do mundo da vida e que se inserem nele defendendo seus pontos de vista. Para isso, fazem uso da linguagem. É a relação desses sujeitos com a linguagem, caracterizada pela inscrição de suas vozes naquele espaço, que iremos analisar a partir de agora.

Figura 01: Inscrição na *Praça da Alegria* – maio/2015



**Fonte:** acervo fotográfico dos pesquisadores

Nesse enunciado, o sujeito marca seu ponto de vista tanto linguisticamente quanto discursivamente. Discursivamente, esse ponto de vista é apreendido pela correlação entre o posicionamento axiológico do autor a aspectos históricos/sociais do tempo e do espaço em que ele escreveu. Temporalmente, estes aspectos dizem respeito ao embate entre dois sistemas

político-econômicos opostos: o capitalismo e o socialismo. Faz parte da compreensão desse enunciado o conhecimento sócio-histórico de que, atualmente, o sistema econômico vigente no Brasil é o capitalismo e de que este tem como ponto central a obtenção do lucro através da propriedade privada. A partir da mobilização desse contexto, que integra o enunciado, o autor marca um posicionamento axiológico contrário ao capitalismo.

Para a instauração desse posicionamento, houve uma retomada, ainda que de forma implícita, de vozes que apoiam o sistema capitalista a fim de que a elas fosse dada uma resposta negativa. Ora, ninguém diria que *violento é o capital*, marcando negativamente o capitalismo pelo uso do adjetivo *violento*, se não existissem vozes anteriores contrárias a essa. O capitalismo é marcado negativamente, portanto, porque, primeiramente, houve sujeitos que o consideraram um sistema econômico não-violento.

A autoria desse enunciado revela-se, assim, pela instauração de um ponto de vista crítico tecido a partir de um ponto de vista de apoio. Além disso, o espaço no qual esse enunciado está inscrito também legitima a defesa do ponto de vista que ele demarca. É muito comum, nos cursos de Ciências Humanas, predominarem vozes alinhadas à esquerda que, fundamentadas, principalmente, na voz de Marx, pregam a morte da propriedade privada. Assim, a instauração de um ponto de vista nesse enunciado acontece em um espaço discursivo em que diversos outros enunciados também tratam dessa temática com o mesmo posicionamento axiológico.

Linguisticamente, a autoria é marcada por, pelo menos, dois fenômenos na estruturação das sentenças *somos a morte da propriedade privada* e *violento é o capital*. O primeiro é o uso do verbo na primeira pessoa do plural na sentença *somos a morte da propriedade privada*. O pronome *nós*, não marcado na estrutura linguística, aponta para sujeitos cujo posicionamento axiológico está materializado semioticamente nessa estrutura. Ademais, o posicionamento responsivo do autor também é marcado pela construção sintática *violento é o capital*. Usar o adjetivo antes do substantivo torna a sentença mais responsiva a uma acusação anterior (por exemplo, *vocês são violentos* ou *o socialismo é violento*). Como diria Bakhtin, esse enunciado é apenas um elo na cadeia de enunciados em que está inserido. Chama-nos a atenção, ainda, a disposição gráfica das palavras, a forma como elas são registradas, que já revela o tom emotivo-valorativo de seus(s) sujeito(s) produtor(es). Vejamos outro enunciado que circula no mesmo espaço.

Figura 02: Inscrição na *Praça da Alegria* – maio/2015



**Fonte:** acervo fotográfico dos pesquisadores

O quadro enunciativo desse texto é diferente do anterior, uma vez que envolve a construção de sentidos a partir de uma imagem. O leitor deve perceber, primeiramente, que o signo impresso na parede tem como referente a erva popularmente conhecida como maconha. Assim, o ponto de vista do autor, para ser compreendido, exige do leitor ativo que ele detenha um conhecimento que ultrapasse o mero reconhecimento dos signos linguísticos utilizados. É preciso saber, também, como seus referentes são veiculados valorativamente nas diversas esferas sociais. O autor, portanto, instaura aqui um leitor para o qual dirige uma ordem expressa pelo verbo no imperativo.

Discursivamente, o mecanismo da responsividade operou com o discurso que tem como tema central a liberalização da maconha. Enquanto objeto de discurso correlacionado com diferentes sujeitos, esse tema é apresentado sob diversos pontos de vista valorativos. De um lado, fundamentados em discursos das esferas política e religiosa, por exemplo, estão aqueles contrários à liberação da comercialização da droga. De outro, embasados em discursos que veiculam outros pontos de vista, estão aqueles que são favoráveis.

A autoria nesse enunciado revela-se pela instauração de um ponto de vista favorável à legalização da maconha, marcado pelo verbo *legalizar*, no imperativo, seguido de uma imagem da folha da erva. O sujeito “esconde-se” nesse enunciado performativo implícito. Explicitamente, esse enunciado performativo ficaria mais ou menos assim: *Eu ordeno que você legalize*, o que nos permite, linguisticamente, captar o sujeito do enunciado materializado no pronome de primeira pessoa do singular. A posição subjetiva é marcada mediante o emprego de um complexo semiótico híbrido (palavra mais imagem) caracterizador de um

posicionamento axiológico favorável ao uso da maconha, firmando uma luta entre pontos de vista divergentes.

No mesmo espaço, vejamos outro enunciado que compõe o quadro enunciativo da Praça da Alegria:

Figura 03: Inscrição na *Praça da Alegria* – Maio/2015



**Fonte:** acervo fotográfico dos pesquisadores

Esse enunciado, assim como os anteriores, também exige de seus leitores uma compreensão além do que está posto em signos linguísticos. É necessário compreender os discursos com os quais o autor opera aqui utilizando-se do mecanismo da responsividade. Para a captação do ponto de vista defendido, é preciso compreender que os discursos acadêmicos fundamentados em uma visão marxista do mundo, sobretudo na área das Ciências Humanas (área do conhecimento em que ocorre, predominantemente, a circulação de textos que materializam esses discursos), por vezes, são opostos aos discursos produzidos em outras esferas sociais, como, por exemplo, esferas marcadas pela religião cristã.

Pelo contexto em que esse enunciado foi produzido, sabemos que *Deus* faz referência ao Deus cristão. Os adjetivos *marxista* e *leninista*, por sua vez, são usados comumente para qualificar sujeitos que adotam uma postura discursiva embasados no conjunto de ideias do marxismo. É necessário que o leitor tenha, assim, conhecimento, mesmo que superficialmente, do que seja o marxismo e que, por vezes, os discursos produzidos numa esfera de atuação marxista são opostos aos discursos produzidos numa esfera de atuação cristã.

Assim, a autoria desse enunciado revela-se, discursivamente, na composição de um quadro enunciativo que mobiliza a confrontação entre pontos de vista e instaura um ponto de vista crítico ao cristianismo. Linguisticamente, essa autoria é captada pela atribuição proposital de dois adjetivos de campo semanticamente oposto ao substantivo por eles qualificado. Ora, Deus é o sujeito que ocupa o lugar mais elevado na religião cristã, de forma que, para os cristãos, todas as suas qualidades são perfeitas. Sabendo disso, o autor do enunciado adjetiva o substantivo “Deus” com a característica de ser marxista/leninista. A ideia aqui instaurada é a de que se até Deus é marxista, então a cosmovisão fundamentada no marxismo é válida e não há por que ser confrontada pelos que se apoiam em discursos cristãos.

Por fim, vejamos mais um enunciado em que o autor percorre dois campos discursivos diferentes. Um é o dos discursos sobre a discriminação aos negros na sociedade brasileira. Outro é o discurso fundamentado nas questões de gênero, que propõe o uso do *x*, ao invés de *a* e *o*, para evitar o binarismo masculino/feminino.

Figura 04: Inscrição na *praça da alegria* – Maio/2015



Fonte: acervo fotográfico dos pesquisadores

Para a instauração dos pontos de vista veiculados nesse enunciado, o autor retoma um discurso bastante recorrente na sociedade brasileira: o da discriminação sofrida pelos negros. Assim, por exemplo, um leitor que não tenha conhecimento de toda a discussão que envolve as questões raciais no atual cenário nacional e do histórico de discriminação à população negra, provavelmente não interpretará esse enunciado conforme o projeto enunciativo do autor.

Linguisticamente, a autoria é apreendida pela marcação do tom volitivo-emocional do autor por meio do ponto de exclamação no final da sentença. Aqui, também, mais uma vez, é

realizado um enunciado performativo implícito. Explicitamente, esse enunciado ficaria mais ou menos assim: *eu ordeno que você reaja*, o que nos permite captar a existência de um sujeito do discurso, materializado pelo pronome da primeira pessoa do singular.

Além de se responsabilizar por um ponto de vista segundo o qual os negros precisam reagir, o autor assume outro posicionamento marcado no fio linguístico do discurso pelo uso do *X* no lugar do *O* em *mortx*. Trata-se do uso do *x*, ao invés de *A e O*, para marcar uma suposta linguagem neutra, politicamente correta. Assim, é solicitado do leitor o conhecimento das discussões sobre identidade de gênero, para que possa compreender os pontos de vista veiculados neste enunciado. É exigido, mais uma vez, um conhecimento extralinguístico.

É possível notar, ainda, que a problemática da questão racial é posta a partir de enunciados polarizados, que convocam os leitores para a assunção de uma das duas possíveis únicas posições nesse embate: ou o da reação ou da aceitação da morte (morte metafórica, ou seja, a exclusão social). Corroborando, ainda, esse tom volitivo-emocional o uso do adjetivo “preto”, na locução “povo preto”, chamando-se a atenção do leitor para a condição subjetiva de negro, ou seja, para a questão de identidade.

### **Considerações finais**

Já temos condições de responder às perguntas formuladas na introdução. Qual o centro de valores a partir do qual estes enunciados surgiram? A quem eles são direcionados?

Observamos, primeiramente, que a autoria de todos os enunciados expostos acima é marcada pela manifestação de posicionamentos valorativos que, de forma geral, correspondem a sujeitos concretamente situados em um mesmo campo de produção discursiva bastante comum no espaço em que esses enunciados foram inscritos: o campo dos discursos acadêmicos alinhados a um posicionamento ideológico de esquerda. Portanto, os enunciados aqui analisados estão fundamentados em valores centralizados em discursos associados a esse lado da política.

É do relacionamento dos autores desses enunciados com sujeitos concretamente situados em campos discursivos diferentes, que para eles são outros, que se concretizaram os enunciados inscritos na Praça da Alegria do CCHLA-UFPB. Só foi possível aos autores a definição de seus posicionamentos valorativos pela correlação com outros posicionamentos oriundos de outras produções discursivas, como, por exemplo, discursos que resultam do posicionamento de sujeitos partidários de uma cosmovisão conservadora. De maneira

específica, é com esses sujeitos que os autores dos enunciados analisados dialogam, revelando, assim, um espaço de tensão entre “eus” e “outros”, marcada discursiva e linguisticamente nas inscrições ora investigadas.

## Referências

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza da edição americana *Toward a philosophy of the act*. Austin: University of Texas Press, 1993. (Tradução destinada exclusivamente para uso didático e acadêmico).

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.p. 261-335.

\_\_\_\_\_. (VOLOCHÍNOV, V. N.). [1929]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.

FRANCELINO, P. F (Org.). **A autoria no gênero discursivo aula**: uma abordagem enunciativa. 2007. 184f. Tese (Doutorado em Linguística)- Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

GERALDI, J.W. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, L. STAFUZZA, G. (Organizadoras). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010. p.279-292

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercados de Letras, 2009.